



 <https://doi.org/10.59776/2357-8203.2026.7782>

**Beijos, goiabada e opressão em *Uma maré de desejos*, de Georgina Martins**

**Kisses, guava paste, and oppression in *Uma maré de desejos*, by Georgina Martins**

Anália Vitória Costa Ferreira<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0009-0008-2012-5640>

Ana Caroline Freire Pessoa<sup>2</sup>

<https://orcid.org/0009-0004-3757-5665>

Concísia Lopes dos Santos<sup>3</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-0928-1270>

**RESUMO:** Este artigo analisa o livro *Uma Maré de Desejos*, de Georgina Martins, centrando-se nas experiências de Sergiana, menina criada pela tia no Complexo da Maré, e nas relações que estabelece com figuras adultas. Em contraste com Luciano, personagem masculino que também vive em situação de vulnerabilidade, observam-se diferenças significativas no tratamento recebido por ambos. Embora a questão de gênero não seja tematizada de forma explícita na obra, ela emerge como elemento subtextual que atravessa as vivências dos personagens. Os desejos de Sergiana são sistematicamente podados pelas figuras adultas ao seu redor, enquanto Luciano conta com uma rede de apoio mais acolhedora. Assim, a narrativa revela como o gênero opera de forma implícita como fator limitante para o desenvolvimento da protagonista. A análise fundamenta-se em autoras como Beauvoir (1970), Adichie (2014), hooks (2018) e Evaristo (2005), além de estudos sobre infância de Hunt

<sup>1</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Uern)/Campus Pau dos Ferros/RN. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2782224749312717>. E-mail: [analiacferreira@hotmail.com](mailto:analiacferreira@hotmail.com)

<sup>2</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Uern)/Campus Pau dos Ferros/RN. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8312000073257583>. E-mail: [carolinefreire97@gmail.com](mailto:carolinefreire97@gmail.com)

<sup>3</sup> Professora de Teoria da Literatura do Departamento de Letras Estrangeiras no Campus Avançado de Pau dos Ferros, do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, do Programa de Pós-graduação em Letras e colaboradora no Programa de Mestrado Profissional em Letras/Pau dos Ferros. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0554450524672928>. E-mail: [concisialopes@uern.br](mailto:concisialopes@uern.br)

(1991) e Winnicott (1979), refletindo sobre assimetrias de gênero no amadurecimento juvenil.

**Palavras-chave:** Gênero; opressão; relações; subtexto.

**ABSTRACT:** This article analyzes the book *Uma Maré de Desejos*, by Georgina Martins, focusing on the experiences of Sergiana, a girl raised by her aunt in the Complexo da Maré, and on the relationships she establishes with adult figures. In contrast to Luciano, a male character who also lives in a situation of vulnerability, significant differences are observed in the treatment they each receive. Although gender is not explicitly addressed in the narrative, it emerges as a subtextual element that permeates the characters' experiences. Sergiana's desires are systematically suppressed by the adult figures around her, while Luciano benefits from a more supportive network. Thus, the narrative reveals how gender implicitly operates as a limiting factor in the protagonist's development. The analysis is grounded in the works of authors such as Beauvoir (1970), Adichie (2014), hooks (2018), and Evaristo (2005), as well as in studies on childhood by Hunt (1991) and Winnicott (1979), reflecting on gender asymmetries in the process of youth maturation.

**Keywords:** Gender; oppression; relationships; subtext.

---

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os papéis de gênero, pensando no binário entre o feminino e o masculino, são atribuídos aos indivíduos muito precocemente. Expectativas são atreladas ainda na fase da infância ao que se espera de meninos e meninas, como eles devem agir, com o que devem sonhar e como estão se preparando para a realização desses sonhos. Por muito tempo, isso esteve refletido na literatura. Muitos contos de fada, por exemplo, trazem a disparidade performática entre a princesa e o príncipe, em que a primeira ocupa uma posição de fragilidade e o segundo atua como salvador bravo.

Nesse sentido, pode-se observar o local de passividade que o gênero feminino tende a ocupar no imaginário social. A mulher é a que aguarda, a que aceita e a que precisa de intervenção, segundo a lógica enraizada, para que a sua vida aconteça. Isso é reforçado, inclusive, pela criação de meninas no seio familiar. Não existe, segundo a tradição social, uma urgência para as vontades femininas. Sobre isso, Castellano (2019) aponta as distinções referentes à criação de crianças no conteúdo dos best-sellers *Criando meninos* (2014) e *Criando meninas* (2015), em que o primeiro foca em como os avanços feministas, a mídia e a norma sociocultural vigente tentam apagar a masculinidade, contrariando aspectos da natureza do homem; enquanto o segundo tem uma abordagem muito mais voltada às preocupações sobre a sexualidade feminina, tentando amenizá-las, bem como discutir como a mídia funciona como um desestabilizador para o comportamento feminino.

Os livros, que são sucesso de venda ao redor do mundo, refletem como, ainda hoje, conseguimos estabelecer uma diferença muito forte na criação de gêneros e reproduzi-las.

Perdemos muito tempo ensinando as meninas a se preocupar com o que os meninos pensam delas. Mas o oposto não acontece. Não ensinamos os meninos a se preocupar em ser “benquistos”. Se, por um lado, perdemos muito tempo dizendo às meninas que elas não podem sentir raiva ou ser agressivas ou duras, por outro, elogiamos ou perdoamos os meninos pelas mesmas razões (Adichie, 2014, p. 28).

Nesse sentido, podemos refletir que a menina, socialmente, é criada para a colaboração com o bem-estar geral de seu núcleo familiar e o menino é criado para uma autonomia acentuada.

Desse modo, essa discussão se alinha ao enredo do *corpus* desta pesquisa, bem como ao nosso objetivo. O livro empregado é *Uma maré de desejos* (2005), da escritora brasileira Georgina Martins. De acordo com Marques (2018), Georgina Martins traz em seu texto narrativas infantojuvenis que são permeadas de temas que evocam a resistência. Sendo assim, a autora é uma referência para abordar temáticas complexas para um público que ainda está conhecendo e entendendo a gravidade de temas como gênero, miséria, raça, violência, dentre outros. Tal premissa age como certificado de importância de seus textos, pois Hunt (1991) destaca a substancialidade da literatura infantojuvenil, tendo em vista que ela consegue trazer os temas complexos em uma linguagem proporcional ao público, o que exige uma capacidade da arquitetura textual para inserir tais aspectos no subtexto.

A narrativa traz a protagonista Sergiana, menina que vive no Complexo da Maré, bairro periférico do Rio de Janeiro, e é criada pela tia. O enredo da história se dá a partir de uma redação com a temática de comentar um **único** desejo, pedida pela professora de Sergiana. A jovem, ao refletir sobre o conteúdo de seu texto, logo se depara com vários desejos a serem dissertados, no entanto, a professora se mantém incisiva ao afirmar que ela só pode abordar um. Assim, vamos conhecendo os sonhos da menina, tanto os do passado, como os do presente e do futuro. A protagonista logo comenta a atividade com seu amigo Luciano, que também passa a refletir sobre suas maiores vontades a serem realizadas.

Entretanto, podemos ver, no decorrer do livro, que as aspirações de Sergiana são minimizadas de inúmeras formas pelo núcleo adulto que a rodeia, enquanto Luciano recebe mais validação para o ato de sonhar. Embora, no enredo da história, essas distinções não sejam explicitamente motivadas pelo gênero dos jovens, sob à luz de discussões feministas somadas a uma leitura atenta do cenário disposto, é possível pontuar diferenças nas relações, que residem em aspectos aparentemente inofensivos do cotidiano. É, portanto, justamente nessa diferenciação de tratamento que o objetivo desta pesquisa se aloca. Logo, nossa finalidade é explorar as relações estabelecidas entre Sergiana e seu círculo social maduro, em contraponto com o núcleo social do personagem secundário Luciano, observando como há a diferença de tratamento entre os dois personagens mencionados e como essa assimetria perpassa, em uma análise subtextual, nuances das relações de poder e das expectativas sociais que moldam o tratamento dispensado a essas crianças.

Nessa perspectiva, os textos mobilizados para a discussão das temáticas, no que diz respeito à interpretação das relações do gênero feminino e masculino e às distinções sociais que os atingem, são os de Beauvoir (1970), *O Segundo Sexo*; Adichie (2014), *Sejamos todos feministas*; Evaristo (2005), com o ensaio *Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira*; e hooks (2018), *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*.

## 2 A FAMÍLIA

A família é o primeiro construto social, na maioria das vezes, de um indivíduo. É ela que molda as primeiras percepções do sujeito acerca do funcionamento da sociedade, influenciando nosso comportamento perante as demais pessoas, perante as estruturas e até perante nossa visão sobre nós mesmos. No enredo de *Uma maré de desejos*, já nas primeiras páginas, a narração sobre os pensamentos de Sergiana dão um indício da passividade com a qual a menina precisa encarar suas vontades, alimentando seus sonhos apenas em seu íntimo, pois não encontra apoio nem condições financeiras para realizá-los dentro do seio familiar.

A menina, criada pela tia, experimenta um espaço de certa repressão e controle figurado por sua responsável, em que as regras quanto ao seu comportamento, fala e desejos são impostas de maneira incisiva, submetendo seu corpo e seus desejos a uma constante limitação. Esse controle não é, no entanto, motivado por crueldade ou prazer, mas reflete as condições adversas em que o enredo do livro se insere, em que a tia usa da disciplina para proteção e adaptação à realidade delas. Ainda assim, mesmo sem motivação intencional, o tratamento da mulher para com a menina perpassa elementos relacionados ao seu gênero e à construção da autoestima da criança; além do mais, a tia não apresenta um relacionamento afetuoso com a menina em situação alguma, reforçando a severidade que conecta as duas.

Os desejos de Sergiana são coisas simples: ir à praia, comer goiabada e beijar o Luciano, mas, por causa das condições sociais que a rodeiam, elas são negadas. No trecho a seguir, podemos observar uma série de nuances que marca o início dessas relações:

Quando a professora perguntou à turma qual era o seu maior desejo, Sergiana nem pensou para responder:

— A minha vontade é de ir à praia, nunca fui à praia.

A professora espantou-se. Ela queria que cada um falasse do seu desejo, para depois pedir alguma redação.

— Nunca foi? Como pode? Você mora tão perto da praia!

Quem se espantou dessa vez foi a menina, que nem lembrava mais que ali era tão perto da praia.

— Bem, agora vamos fazer uma redação... O tema é "O meu maior desejo..." — a professora ia falando enquanto escrevia no quadro.

**Sergiana ficou engasgada, não conseguia escreveradinha, só pensando na praia, nas águas molhando seus pés, nos mergulhos que daria... Mas não podia molhar os cabelos, dava muito trabalho para pentear. Sempre doía muito quando a tia fazia aquelas tranças. Então, no seu desejo, ela molharia o corpo inteiro, menos a cabeça. Talvez jogasse água no rosto, mas com cuidado, porque a tia ia brigar muito se ela deixasse os cabelos molhados.**

— Cabelo ruim é assim, não pode molhar todo dia, não, que encolhe. Não tem jeito, é de nascença.

Todo os dias falava a mesma coisa, e quando ia fazer as tranças, então! Aí é que ela reclamava muito.

— **E eu, que não tive menina, agora tenho que pentear esse seu cabelo duro. [...] Acho que vou mandar cortar feito menino homem, assim não dá trabalho**

**Nessas horas Sergiana ficava triste, não queria cortar o curtinho [...].**

**Ela não achava que seus cabelos fossem ruins, às vezes até que gostava deles, mas só às vezes, porque a tia não deixava que ela gostasse deles.**

(Martins, 2005, p. 7 - 8, grifos nosso)

Mesmo em devaneio pelos seus desejos, Sergiana encontra limites para efetivação de seu objetivo. É por intermédio dos posicionamentos da tia acerca de sua aparência física que Sergiana coloca ressalvas até mesmo em sua imaginação. Embora estivesse imaginando a situação, a protagonista ainda continuaria sem molhar os cabelos, pois a figura da tia paira sobre a performance de sua vontade. Outrossim, pode-se notar a culpabilização do gênero como um aporte primário para a negação do desejo central de Sergiana.

A mulher, na perspectiva de Beauvoir (1970), tem, constantemente, seu destino social predeterminado e imutável. Essa imposição age como apagamento de sua realidade, sobretudo àquelas que resistem a essa subordinação, sendo, por vezes, ridicularizadas. Podemos observar tal apagamento na experiência de Sergiana, cujo desejo de ir à praia com os cabelos soltos é limitado pelas preocupações da tia. Esse controle sobre o cabelo da menina, marcado tanto por fatores raciais (a tia o chama de “cabelo ruim” e difícil de cuidar) quanto pela culpabilização do gênero (a necessidade de manter o cabelo 'arrumado' para ser feminina e o descontentamento por não ter tido filhas mulheres, mas agora precisar cuidar dos cabelos de Sergiana), revela uma dupla opressão que busca confinar suas vontades e restringir sua liberdade de expressão.

O cabelo era parte de sua identidade enquanto menina, cujo elemento ela possuía apreço em determinados momentos, no entanto, o discurso recorrente da tia sobre a suposta inadequação em sua aparência reforçava a percepção de que, para as meninas, o corpo deve ser continuamente controlado. Logo, o gênero age como ferramenta de restrição, contendo a liberdade de desejar e existir para além de parâmetros impostos. Desse modo, até no espaço íntimo e abstrato da imaginação, nossa protagonista fica impossibilitada de se desvencilhar das amarras sociais que regulam seu corpo e sua autoestima.

Além disso, outro recorte atravessa a vivência de Sergiana com sua autoestima, o fator racial. Nesse sentido, podemos afirmar que o controle perante seu cabelo não se restringe exclusivamente ao gênero, mas sobretudo ao seu lugar como pessoa preta. Assim, ela carrega as marcas de uma construção social e cultural que sempre inferiorizou os traços negros, mas às quais os estudos feministas possibilitaram uma nova reflexão, pois “importantes intervenções em relação à raça não destruíram o movimento das mulheres, mas o fortaleceram. Superar a negação de raça ajudou mulheres a encarar a realidade da diferença em todos os níveis” (hooks, 2018, p. 53). Acerca dessa colocação, é substancial destacar que os debates de gênero e de raça devem estar alinhados, pois temos uma discussão dupla quando pensamos na realidade de mulheres brancas e pretas.

Ainda assim, mesmo diante das restrições comentadas ao redor da protagonista, o espaço íntimo da imaginação é preservado. Logo, a esse ato é substancial para a constituição do ser, sobretudo da criança e do adolescente, afinal “é no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem a liberdade criativa” (Winnicott, 1979, p. 71). Nessa perspectiva, embora os desejos de Sergiana

sejam negados na materialidade, o fato deles sobreviverem em sua mente é um potencializador de sua imaginação, o que cria para ela um espaço seguro para exercitar suas vontades.

Outro dos desejos de Sergiana é o de comer goiabada: “[...] agora pensava em latinhas de goiabada. Pronto, mais um desejo. Como ela gostava de goiabada! [...] A tia não podia comprar, dizia que era luxo” (Martins, 2005, p. 17). Nesse cenário, podemos avaliar que, para além da repressão aos seus desejos corporais e estéticos, a menina também se depara com a negação de desejos simples. Em um dado momento, ao expressar sua vontade, ela é lembrada sobre a impossibilidade de aquisição do item por questões financeiras. Ao Sergiana ficar exclusivamente sob os cuidados da tia, os seus desejos passam a ser constantemente minimizados e tratados com desvalorização. O desejo pelo doce, então, funciona como mais uma metáfora da impossibilidade de modificação do destino imposto às personagens femininas da narrativa. Sergiana não pode sonhar, nem que este sonho seja do tamanho de uma latinha de goiabada.

O último desejo de Sergiana a ser comentado está atrelado ao despertar da vida amorosa de um indivíduo, o primeiro beijo. Sergiana tem como melhor amigo Luciano, e ambos, embora não revelem um para o outro, nutrem um sentimento amoroso entre si. Essa discussão se atrela ao posicionamento de Adichie (2014), quando discute que a vida amorosa e sexual dos meninos não é alvo de críticas, é normal para os pais saberem, e até incentivarem, o relacionamento de rapazes. Enquanto que, para as meninas, exige-se um certo pudor em trazer esse assunto à tona ou exibe-se, ainda, uma preocupação em encontrar o parceiro perfeito.

Desse modo, sobre o desejo de beijar Luciano<sup>4</sup>, Sergiana afirma que a tia não pode saber, pois ela desaprovava. Ao externar o motivo dessa desaprovação, nota-se, na fala da mulher, as nuances de um típico discurso que atrela a expressão da sexualidade feminina à má conduta, tal qual a prática que Adichie (2014) discute e crítica em sua reflexão.

[...] e a menina descobriu que tinha mais um desejo, mas esse a tia também não podia saber.

— Essas meninas de hoje em dia não têm juízo, vivem por aí, namorando qualquer um.

Sergiana queria beijar o Luciano na boca (Martins, 2005, p. 21).

Assim, é possível perceber que a colocação da tia de Sergiana não recai sobre os adolescentes de modo geral, por exemplo, mas exclusivamente em cima da ação feminina. Afinal, a sociedade tende a ter uma postura defensiva apenas sobre a sexualidade de mulheres. “Elogiamos a virgindade delas, mas não a dos meninos” (Adichie, 2014, p. 39). Apesar de a autora explicitar exclusivamente o termo “virgindade”, sabe-se que, comumente, a prática amorosa/sexual dos meninos é vangloriada e a das meninas espera-se que ocorra o mais tardiamente possível.

---

<sup>4</sup> Aqui, cabe a ressalva sobre a idade dos personagens, que se encontram exatamente na faixa etária em que os interesses amorosos começam a aparecer. Sergiana possui 12 anos, “[...] viera ao Rio de Janeiro com oito anos, agora estava com doze” (Martins, 2005, p. 21), e Luciano, certamente possui entre 12 e 13 anos, visando a etapa escolar em que ele está, “Luciano era o mais adiantado [dentre seus irmãos], já estava na sexta série [atual sétimo ano]. Quando terminasse a oitava teria que mudar de escola, não sabia como ia fazer, porque só havia segundo grau do outro lado do valão.” (Martins, 2005, p. 31). Este trabalho não tem o intuito de incentivar ou criticar a maturação de pré-adolescentes nesta passagem, apenas evidenciar como o peso do despertar romântico recai sobre as meninas.

A conclusão a que chegamos, pois, sobre os desejos de Sergiana é que nenhum deles é amparado ou arranja espaço para ser realizado nem verbalizado com sua tia, que representa seu atual núcleo familiar, embora sejam “tantos e tão variados os sonhos da garota, [...] os desejos adentram por outros campos, como o sentimental, o profissional e o estético.” (Marques, 2018, p. 7). Dessa maneira, quando passamos para a análise dos desejos de Luciano, existe uma complexidade maior em seu debate, pois Luciano não tende a externalizar os seus desejos.

Mesmo assim, com o pouco que podemos tirar dos registros de suas falas, há outra percepção sobre a validação de suas vontades, pois os desejos encontram a tentativa de realização ou seu apoio. A passagem que confirma isso, de que, em algum grau, são levados em consideração por sua mãe, isto é, seu núcleo familiar, é que aquele que foi externalizado pôde ser atendido. Vejamos: “Ficou pensando que tinha alguns [desejos], só que não conseguia lembrar. Um dia quis ter uma bicicleta e mãe comprou — Acho que essa aqui está boa, é velha, mas dá pra andar, vai se ajeitando com ela que quando eu puder compro uma mais nova” (Martins, 2005, p. 30).

Sendo assim, tal contraste nos revela que, enquanto as vontades de Sergiana são sistematicamente podadas e silenciadas, os desejos de Luciano, mesmo que diante de um cenário escasso, recebem validação. A diferença de gênero, portanto, não aparece explícita, mas acentuada em uma realidade de permissividade social e afetiva que tende a cercar os meninos, na qual, retomando Adichie (2014), diverge das realidades femininas, marcadas pela constante vigilância e contenção para com suas aspirações e comportamentos.

### 3 A ESCOLA E O DESEJO

No tópico que se relaciona ao círculo maduro da escola, ou seja, às professoras, a problematização inicial do enredo é justamente sobre a limitação que a professora de Sergiana impõe acerca de quantos desejos ela poderia expressar em sua redação. Além disso, em diversos momentos, a profissional desprende uma postura impaciente à menina:

— Professora, agora eu tenho três desejos; posso escrever sobre os três?

— Não, tem que escolher um. Já disse! (Martins, 2005, p. 8)

— Agora tenho só dois desejos; posso escrever sobre os dois?

— Não, já disse que tem que ser só um. (Martins, 2005, p. 11)

— Anda, menina, fica de boca fechada e faz logo essa redação! (Martins, 2005, p. 18)

— Pra que essa menina quer aprender a escrever Leblon? Nunca vai poder ir lá!

— Se você continuar com essa moleza, vou descontar ponto na sua prova. (Martins, 2005, p. 23)

— Você é mesmo muito teimosa! Eu não falei que tinha que ser só um desejo? Está tudo errado! Amanhã você vai ter que fazer outra. (Martins, 2005, p. 26).

Quando comparamos com o tratamento direcionado a Luciano por sua professora, podemos ver outra conduta, uma posição acolhedora e que promove ressalvas quanto à mudança de foco da atividade original. Luciano também não faz o que a professora pediu inicialmente, no entanto, ele é incentivado a continuar o seu trabalho do modo como ele estava produzindo, bem como, mais a frente, recebe uma oportunidade para aprimorar o seu potencial.

Um dia a professora de Luciano achou de pedir uma redação também. Ela nunca havia pedido para eles fazerem redação.

— Hoje, vocês vão fazer uma redação, e o tema da redação é a família. Podem começar.

[...]

“Será que um dia vai ter prédios na Maré?” Ficou pensando nisso, e se esqueceu da redação, começou a desenhar um monte de edifícios, cada um mais alto que o outro. Desenhou ruas arborizadas, carros, postes de luz, posto de gasolina, padaria, banca de jornal, e nenhuma casa, só prédios. A professora viu o desenho e achou bonito:

— Luciano, você desenha muito bem, já pensou em ser arquiteto?

Ele não sabia o que os arquitetos faziam, aí a professora explicou, e o menino gostou da ideia. Quem sabe se fosse arquiteto não construiria um monte de edifícios na Maré?

Todo mundo entregou a redação, menos o Luciano, mas a professora não brigou com ele:

— Amanhã você faz a redação, tá? (Martins, 2005, p. 36 e 39).

Retornamos ao ponto de que o livro não deixa explícitas as motivações de gênero para a distinção entre os tratamentos, contudo, ao voltarmos para a discussão promovida por Adichie (2014), a autora comenta como a escola promove a autonomia masculina, porém a feminina não, “ensinamos as meninas a se encolher, a se diminuir” (Adichie, 2014, p. 33). Essa colocação da autora conversa perfeitamente com o que hooks (2018) estabelece em seus debates feministas, ao dizer que a escola é fundada em cima de preceitos patriarcais, logo, o privilegiado sempre será aquele que enquadra dentro do que é apontado como o gênero cis masculino.

Logo, os meninos, em muitas situações, serão alvo de ressalvas, abrandamentos e privilégios. Apesar de hoje termos uma realidade que chega mais próxima de um equilíbrio, o peso social do que se espera para o comportamento feminino ainda é destoante, e a educação formal tende a repreender e a punir com uma visão enviesada pelo machismo estrutural.

Ademais, considerando que a escola é o âmbito profissionalizante de um indivíduo, em que trilhamos os caminhos educativos para construirmos uma base para a escolha de um trabalho formal, os desejos de Sergiana e Luciano também passam por isso. Sergiana sonha em ser escritora, isso é expressado em diversas passagens do livro, ela gosta de escrever e é uma leitora ávida. Luciano sonha, após almejar algumas profissões, passa a ter como maior desejo ser desenhista.

[...] continuava querendo conhecer a história de Caralâmpia: “Deve ser uma história linda, quando eu for escritora vou escrever uma história bonita assim.” (Martins, 2005, p. 16)

Desejou ser escritora para poder escrever quantos desejos tivesse. (Martins, 2005, p. 22)

E o menino pensou que ser desenhista era agora o seu maior desejo. (Martins, 2005, p. 45)

A diretora mandou que a turma de Sergiana fosse para a sala de leitura. Sergiana achou ótimo, gostava muito de ir pra lá. (Martins, 2005, p. 46)

Nesse sentido, os desejos profissionais de Sergiana refletem a possibilidade que a menina visualiza em validar seus desejos, já que não encontra validação nem no particular nem na escola. As vontades da menina são tão podadas que o desejo de ser escritora, antes de ser sua fonte de renda, é visto como a possibilidade de falar sobre o que ela sente e almeja em um ambiente seguro e libertador. Ela busca a sua autorrepresentação, como pontua Evaristo (2005, p. 54):

[...] as escritoras negras buscam inscrever no *corpus* literário brasileiro imagens de *auto-representação*. Criam, então, uma literatura em que o *corpo-mulher-negra* deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como *sujeito-mulher-negra* que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada [...].

Assim, se Sergiana é constantemente desencorajada a imaginar suas próprias vontades e um futuro promissor, em decorrência das limitações impostas por suas figuras de autoridade, é dentro da escrita e da possibilidade de ser escritora que ela encontra uma permissão para sonhar. No entanto, não existe passagem no livro que demonstre credibilidade ou apoio ao desejo de Sergiana.

Todavia, vemos uma disparidade quanto ao apoio para Luciano, pois a narrativa evidencia que as condições de legitimação entre os dois desejos são distintas. A professora de Luciano não somente aceita o seu desvio na atividade original, como oferece meios de aprimoramento de sua arte:

Quando ele chegou, a professora pegou o desenho e foi mostrar à diretora da escola, e ela perguntou se ele não queria pintar um painel no refeitório. (Martins, 2005, p. 45)

Na sala de aula, a professora do Luciano perguntou se ele havia feito mais desenhos; disse a ele que iria ver se arranjava um curso de desenho para ele fazer.

— Só quando a minha mãe ficar boa, porque a gente não pode deixar ela sozinha; de manhã meus irmãos estão na escola, e à noite ela não vai deixar mesmo.

A professora explicou que era só duas vezes por semana, já tinha visto um ali por perto, e a diretora da escola estava tentando falar com o pessoal do curso. (Martins, 2005, p. 50)

Os convites e oportunidades para Luciano pôr em prática o seu desejo simbolizam uma legitimação por parte da instituição escolar, transformando sua aspiração individual em um valor coletivo, enquanto os de Sergiana permanecem no apagamento. Apesar de não haver a verbalização direta acerca do impacto do gênero dentro da história, por meio das discussões de Adichie (2014) e Beauvoir (2010), é possível debater como a cultura escolar reforça a prática de impulsionar aspirações masculinas e controlar as femininas, mantendo a lógica social que limita os sonhos femininos e exhibe os masculinos. Em uma perspectiva de subtextualidade, essa

dinâmica aparece manifestada no romance infantil, pois Luciano ocupa sempre um espaço de reconhecimento, acolhimento, validação; mas Sergiana permanece invisibilizada pelas figuras adultas que a cercam, limitada pelas expectativas e repressão imposta por tais figuras.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os temas complexos da atualidade precisam chegar à literatura infantojuvenil de alguma forma. Não se pode apresentar toda a objetividade que desprendemos ao texto para adultos, mas, ainda assim, não podemos apagar a realidade que construímos. Desse modo, podemos destacar que Georgina Martins consegue expressar essa ação, pois cria um universo em que as mazelas sociais são colocadas de uma maneira fluída e que conversa com seu público.

Logo, muitos são os aspectos que ficam implícitos, o fator gênero sobretudo. No entanto, ao nos depararmos com debates feministas e refletirmos sobre como a sociedade, de fato, impõe pesos distintos entre meninas e meninos, tanto no âmbito familiar como no escolar, conseguimos associar tais elementos à realidade de Sergiana e Luciano.

Sendo assim, é possível pontuar que, mesmo em um cenário desolador, atravessado por raça, economia e violência, em que as duas crianças da narrativa sofrem com as consequências dessas problemáticas, Sergiana também precisa enfrentar, por inúmeras vezes, o apagamento de seus sonhos e o discurso sexista que vai de encontro à sua identidade. Nessa perspectiva, a escrita de Georgina Martins se demonstra sagaz, ao conseguir trazer discussões tanto no externo quando no íntimo de seu texto.

A autora não se limita a retratar as dificuldades materiais e a violência que cercam as crianças, ela também explora o sutil tratamento direcionado entre os gêneros, com Sergiana vivenciando uma opressão multifacetada, definida por sua classe econômica, raça e gênero. A literatura de Martins, pois, chama seu público para refletir sobre como as estruturas sociais entrelaçadas afetam de maneira profunda as vivências de meninas e meninos.

#### REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução: Christina Baum. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 2014.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução: Sérgio Milliet. São Paulo/SP: Difusão Europeia do Livro, 1970.

CASTELLANO, Mayka. Criando gênero: o discurso sobre criação de meninos e meninas na autoajuda de aconselhamento parental. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. [S.l.], v. 22, p. 1-25, 2019.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-representação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. **Revista Palmares**, v.1, n. 1, p. 52-57, 2005.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução: Ana Luiza Libânio. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. Tradução: Cid Knipel São Paulo: Cosac Naify, 1991.

MARQUES, Jorge. No onírico, a resistência: caminhos da literatura de Georgina Martins. **Revista DeSlimites**, v. 1, n. 1, p. 1-13, 2018.

MARTINS, Georgina. **Uma maré de desejos**. São Paulo: Ática, 2005.

WINNICOTT, Donald Woods. **A criança e o seu mundo**. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1979.

---

**Recebido:** 09/02/2026

**Aceito:** 24/03/2026

**Publicado:** 29/04/2026

**COMO CITAR:**

FERREIRA, Anália Vitória Costa; PESSOA, Ana Caroline Freire; SANTOS, Concísia Lopes dos. Beijos, goiabada e opressão em Uma maré de desejos, de Georgina Martins. **Colineares**, Mossoró, Brasil, v. 11, n. 1, p. 103–113, 2026. DOI: 10.59776/2357-8203.2026.7782. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RCOL/article/view/7782>.